

A lingua III.

Passo a considerar as linguas chamadas indo-europeias, ou indogermanicas, portanto aquelas linguas que representam o grosso daquelas civilizações chamadas ocidental e indiana. O conceito é realitvamente novo, e deve-se a descoberta do sanscrito, feita pelos românticos alemães, descoberta essa que deu origem a pesquisas linguisticas quase-cientificas, á filosofia schopenhaueriana e á ideia ridicula de chamar os europeus de arianos. De passagem seja dito que a palavra "ariano" é identica com a palavra "Iran", e é o nome com o qual se designava a si mesmo um dos povos primitivos de fala indo-europeia, provavelmente para distinguir-se dos povos que habitavam a India. Os imperadores Persas guardaram o titulo "Rei dos arianos e não-arianos" preticamente até a conquista pelos nahometanos. As linguas indogermanicas eram faladas, originalmente, isto é aproximadamente há oito mil anos atraz, nas regiões do mar Caspio de onde se espalharam em duas direções principais: o sudeste e o noroeste. Em teoria eram todas elas descendentes de uma unica lingua, e os etimologos se esforçam por reconstruir pelo menos parte das palavras-raizes, das quais essa lingua hipotetica consistia. Grosso modo podemos dizer que as linguas do povo que emigrou para o sudeste podem ser englobadas numa subfamilia, conhecida pelo nome "satem", e do povo que emigrou para o noroeste formam a subfamilia das linguas kentum. "Satem" significa "cem" em senscrito, "kentum" em latim, e essa palavra caracteriza a modificação do "k" para "s" no oriente. As linguas "kentum" são etimologicamente as mais primitivas e consistem nas linguas Hititas, helenicas, latinas, germanicas e celtas, as linguas "satem" consistem nas linguas eslevas, caucasicas, iranianas, afgãs e indianas. As diferenças entre essas linguas aparentemente tão distanciadas como por exemplo o portuguez e o hindi são, entretanto superficiais, e todas as características fundamentais foneticas, gramaticais e semanticas são compartilhadas por todas essas linguas. Aparentemente a lingua original, longe de ser uma lingua primitiva, era de uma organização complexa, provevelmente muito mais complexa de que as linguas modernas. Estas são, d' ponto de vista formal, provavelmente simplificações da lingua original, o que é uma circunstancia curiosa. Porque somos forçados a assumir que uma lingua complexa é descendente de outra mais simples, e portanto nos vemos diante de um ciclo linguistico que gira de simplicidade para complexidade e dela para simplicidade. Também deste ponto de vista puramente formal a origem da lingua nos escapa.

Tentarei caracterizar as linguas indogermanicas da seguinte maneira: Consistem de frases que, por sua vez, consistem em palavras de diversa posição hierarquica. A frase significa uma situação do mundo, e essa situação é caracterizada pelas palavras que fazem parte da frase. As ordens hierarquicas das palavras mais importantes são as seguintes: substantivos com seus adjetivos, verbos com seus adverbios, e o sem numero de relações entre essas palavras. A situação do mundo que é simbolizada atravez da frase é, portanto caracterizada por consistir em um ou mais substantivos, que possuem um ou mais adjetivos, e esses substantivos causam ou sofrem modificações expressas pelos verbos de forma expressa por adverbios, e que tem essa ou aquela relação entre si, expressa por palavras auxiliares, como pronomina, artigo etc. Em outras palavras: substancias e seus acidentes são modificadas de diversas maneiras em diversas relações entre si. Outras situações do mundo são impossiveis de serem expressas nessas linguas e são, portanto, impensaveis. As substancias são singulares ou multiples, tem sexos, (originalmente tres), e são subjetivas ou objetivas. Os acidentes, as qualidades das substancias compartilham das características das substancias ás quais pertencem. As modificações das substancias são temporais, (passadas, presentes ou futuras), são passivas (modificam a substancia) ou são ativas (causadas pela substancia), tem diversas for-

mas de existencia (real, irreal, potencial) e podem ser distinguidas tres formas de modificação: as do Eu, do Tu, e do Nem-eu Nem-Tu, sendo que esse ultimo tem, tal qual a substancia, tres sexos. Terei que tratar, futuramente, mais detalhadamente dessa estrutura a bem pensar incrivelmente bizarra das linguas indo-europeias. Para o momento permitam que repita a mesma coisa em palavras menos apiadas na ~~linguagem~~ terminologia gramatica, para torna-la mais palpavel: Atravez dessas linguas o mundo aparece como uma serie de situações distintas, como frases. Essas situações podem ser ligadas uma a outra mediante copulas, que garantem uma certa continuidade do mundo. O centro de uma situação é uma substancia. Essa substancia não está dentro do tempo, ela não é modificada pelo tempo, ela transcende o tempo. Em compensação ela se modifica por assim dizer internamente, ela gira sobre si mesma e mostra sete a oita facetas dentro da situação, a saber ela se declina. As duas facetas mais importantes no momento é a subjetiva e a objetiva. No primeiro caso a situação emana da substancia, no outro a situação conflui na substancia, no primeiro caso a substancia irradia a situação como o sol, no outro a substancia chupa a situação como a esponja. Em redor da substancia, por assim dizer coladas a ela, estão as qualidades. Elas se adaptam plasticamente á substancia e giram com ela. Em todas as linguas indo-europeias a substancia pode ser multiplicada e posta em relação com outra substancia, portanto o mundo consiste, não sómente em muitas situações mas também em muitas substancias em redor das quais as situações se cristalizam. As diversas substancias se distinguem quanto ao sexo, tem substancias masculinas femininas e neutras. Em muitas linguas indo-europeias tem tambem substancias vivas e mortas. Substancias vivas podem ser neutras, substancias mortas podem ser masculinas e femininas, donde se vê que sexo nada tem a ver com vida. Existem regras de acordo com as quais as substancias giram em redor de si, as chamadas regras da declinação, são complicadas nas linguas mais antigas e simplificam se gradativamente. Se a substancia é alheia ao tempo e se modifica sómente girando sobre si propria, o mesmo não acontece com aquilo que a substancia irradia ou chupa. Essa emanação respectivamente influencia representa propriamente o tempo. O tempo tem pelo menos tres aspectos bem definidas: presente, futuro e passado. A emanação se chama atividade da substancia, a influencia se chama passividade ou sofrimento da substancia, e essa atividade e esse sofrimento pode ser real, ou irreal, o possivel, ou condicionado á outra atividade ou outro sofrimento. Chamamos gramaticalmente essa situação misteriosa que acabo de descrever de "conjugação do verbo". A emanação pode expelir qualidades da superficie da substancia, e a influencia pode trazer novas qualidades para a superficie da substancia, trata-se de qualidades migratorias, em de qualidades em statu nascendi ou morriendi, que chamamos de "adverbios" gramaticalmente. O adverbio é o lugar misterioso aonde a atividade tem ainda algo de substancial, e aonde a passividade já tem algo de substancial, são a ligação entre tempo e espaço. Essa correnteza de emanações e influencias a partir de substancias para outra substancia ou para o espaço indeterminado, e para uma substancia de outra substancia ou do espaço indeterminado é regulado por uma teia de palavras auxiliares que formam um sistema de canalisação que varia de lingua em lingua. São os canais da matematica (também, mais,) da causalidade (porquê, devida á) e assim por diante. Desprezando todos esses multiplos aspectos do tecido das linguas indogermanicas estou capacitado de dar a seguinte imagem do mundo que essas linguas esboçam: O mundo consiste em uma multiplicidade de substancias circundadas de qualidades que emanam atividades e chupam sofrimentos, e são ligadas entre si por esses rios. Na superficie desses rios correm qualidades futuras ou passadas e os rios correm em canais pre-estabelecidos. As substancias giram eternamente sobre si mesmas, são alheias ao tempo e a realidade. As atividades e os sofrimentos são temporais a fazem parte da realidade ou não. Assim é o mundo.

Pelo menos assim é o mundo quando falamos essas linguas. Um mundo diferente é simplesmente impensavel, a não ser que aprendamos falar e pensar uma lingua diferente- Em detalhes, é verdade, aparecem diversas variações de este mundo quando tentamos traduzir de uma lingua europeia para a outra. Nas linguas eslavas, por exemplo, a correnteza do tempo se torna confusa, não há uma distinção nitida entre o presente e o futuro. No alemão, por exemplo, existe um fluxo e refluxo inquietador entre a emanação e a influencia, representado pelo verbo "werden". Nas linguas latinas o verbo se torna substancia na sua forma infinitiva, quando então escapa ao tempo. Isto é impossivel nas linguas eslavas, que não concebem uma atividade ou um sofrimento substancializado. Em inglez o processo da substancialização é possivel, mas não no infinitivo, e sim no particípio do presente (não "o andar" mas "the going"). Em portuguez a atividade se cristaliza no infinito, em inglez se cristaliza no presente. Mas tudo isto é secundario, se bem que enormemente importante para a compreensão do pensamento. O importante é que agora de compreender bem, de apalpar fenomenologicamente, esse mundo indo-europeu que consiste em substancias extratemporais que giram e de correntes temporais que tendem a substanciar-se adverbialmente. Todo o pensamento ocidental e indiano, toda a nossa ciencia, arte, filosofia e teologia é a busca da substancia e da sua emanação no fundo obscuro da gramatica da nossa lingua. A China, que não tem substantivo nem verbo, deve olhar surpresa para essas tentativas. For West is West and East is East and never the twain shall meet.

Abandonarei aqui essas considerações que voltarão certamente muitas vezes á tona quando analisar com Vocês a lingua portugueza, e considerarei, rapidamente, a historia da parte ocidental das linguas indo-europeias. Faço isto para localizar o problema da lingua dentro do tempo e do espaço e não discutir no vacuo. Falarei primeiro das linguas eslavas. Como já disse elas pertencem á familia satem, e o checo é portanto geneticamente mais proximo do hindi e do urdu do que do alemão, circunstancia que já me deu muito a pensar. Foneticamente e semanticamente consideradas as linguas eslavas se desenvolveram devagar, tanto assim que as diferenças entre as diversas linguas são muit menores que as diferenças entre as linguas germanicas, e com muito esforço um checo (o mais ocidental dos eslavos) compreende um russo (o mais oriental entre eles). Naturalmente, houve modificação tanto foneticas como semanticas, e as semanticas me parecem significativas. Sob influencia certamente do alemão as palavras checas sofreram um desvio para o abstrato, tanto assim que a frase "krasny život" que significa "bela vida" em checo, significa "vermelha barriga" em russo. Mas basicamente as linguas eslavas conservam a riqueza primitiva da declinação do substantivo e da conjugação do verbo. Em outras palavras a substancia gira mais devagar e com mais interrupções em checo que em portuguez, e a ação e paixão são muitisso mais complicadas. Há uma infinidade de transições do present para o futuro, e há uma possibilidade inimaginavel para Vocês de intensificar ou enfraquecer um verbo. Do ponto de vista formal e organisatorio, portanto, o mundo checo é muito mais complicado que o mundo portuguez, a pesquisa anônima da lingua checa é, por assim dizer, menos profunda que a pesquisa portugueza e portanto a realidade é muito mais variavel. Em comparação a lingua checa por ser menos logica, é muita mais flexivel e muit mais sutil, ela permita exprimir vivencias, e portanto ter vivencias, impossiveis nas outras linguas. Dou como exemplo a frase: "Bývávalo dobře" que traduzido seria aproximadamente "Era bem", mas que significa realmente: "Como era bom o tempo há muito passado mas não tanto tempo passado que pelo menos os mais velhos entre nós não se possam lembrar dele". Acho que com este exemplo illustrei a qualidade formalmente primitiva e rica em accordes esteticos das linguas eslavas.

As linguas germanicas são, naturalmente, as mais bem estudadas que...

historia fonetica, sintactica e semantica, já que a filologia é uma invenção dos românticos alemães do século dezanove. São também as linguas que mais se distanciam uma da outra, tanto assim que eu não entendo uma palavra em sueco, a despeito dos meus conhecimentos de inglês e alemão, duas linguas germanicas tão diferentes uma da outra. Diria que tal é a diferença entre as linguas que o parentesco entre elas é puramente genetico, nada tendo conservado da ontologia original da hipotetica lingua germanica primitiva. De fato, a ontologia do inglês nada tem que ver com a ontologia do alemão, além do fundo comum de todas as linguas europeias. O alemão, para falar primeiro dessa lingua, é muito menos natural que as outras linguas até agora discutidas. Lembro que disse em outra discussão, que a diferença entre as linguas naturais e artificiais é uma diferença fluida e pouca precisa. Assim, por exemplo, o checo foi praticamente reanimado artificialmente no começo do século 19 por gramaticos e lexicografos, após uma morte de 150 anos. Mas o alemão é artificial num sentido diferente. Havia no territorio da Germania de Carlos Magno um grande numero de linguas germanicas, pertencentes tanto ao ramo chamado "baixo alemão", ao qual pertence o inglês e holandez, como do "alto alemão" ao qual pertence o suíço. Essas linguas foram artificialmente rebaixadas a dialectos e, por ordem imperial, foi criada uma lingua oficial alemã, uma especie de esperanto e lingua franca. Essa lingua é o que se deveria falar a corte, e o que foi escrito aproximadamente pelos Minnesaenger. Naturalmente, o povo analfabeta continuava falar o suebo, o saxão e o franco, e a população culta continuava a escrever em latim, tornou-se necessaria uma nova criação artificial do alemão, desta vez pelo Imperador Carlos IV. Esse novo alemão sobreviveu porque lhe foi inspirada vida por Luther em sua tradução da Biblia, e é essa lingua semi-artificial que produziu as flores incrivelmente belas de um Goethe e de um Rilke. Mas algo da artificialidade, do papel e da tinta, pode ser descoberto no fundo da lingua pelo ouvido alerta e paciente. A análise fenomenologica da lingua alemã é a mais urgente de todas, porque em alemão foram escritas as obras filosoficas mais importantes do tempo moderno, e porque a literatura alemã, aquilo que se chama Dichtung (aproximadamente poesia, mas que tem tambem algo de ficção, e se deriva de "dicht=espesso) marca a historia do povo alemão mais de que qualquer outro povo. É talvez tambem a musica alemã seja marcada por essa lingua, e a musica alemã é, a bem dizer, o nucleo da musica do ocidente. Essa necessidade por uma fenomenologia da lingua alemã não é uma descoberta minha. A filosofia de Heidegger não é, em ultima análise, outra coisa. O existencialismo é o resultado da redução fenomenologica de palavras como "Dasein", "Wesen", "Ding" "Zeug", e assim por diante. Mas essa redução foi feita por Heidegger sómente dentro da provincia de um pensamento filosofico estreito, não foi feita a tentativa de uma redução mais geral da lingua, e não foi feita uma comparação com outras linguas, comparação que considero indispensavel. É verdade que Heidegger faz uma ou outra excursão para a fenomenologia do grego, mas isto reforça a impressão do preconceito de um professor alemão, em vez de diminui-la.

O Inglês é, de muitos pontos de vista, a lingua mais desenvolvida do Ocidente, com todas as vantagens e desvantagens que o desenvolvimento traz consigo. A gramatica é reduzida a um minimo, as palavras são reduzidas foneticamente quase aos fonemas e se tornam quase monossilabicas, e quanto a semantica, os sinonimos são raros e uma palavra serve a diversos significados em diferentes contextos. Os ingleses são os chineses do Ocidente, e começam a entender-se entre si escrevendo em vez de falando. A cada dez minutos de conversa a gente ouve o pedido: "spill it." Mas estas considerações são muito superficiais e não atingem aquilo que considero o centro da lingua. O que é preciso descobrir no inglês são coisas como o significado do futuro em "I shall" e "you will" (eu devo- tu queres) o uso da preposição multipla (from

out of the pocket), o syntax curioso (where are you from) e assim por diante. São pesquisas assim que revelarão a força ontológica da língua. Desnecessário é dizer que o inglês tende a se tornar a língua do ocidente e que é portanto impossível exagerar a importância da sua compreensão para a análise do pensamento moderno.

As línguas latinas tem, a partir de um certo momento, uma historia totalmente diferente das línguas germanicas e eslavas. Essas tem, por assim dizer, uma ascensão linear de um passado de obscuridão barbarica para um futuro de clareza civilizada. As línguas latinas, no entretanto, decaíram de um estagio civilizado para a barbarie, para novamente emergirem purificadas. Espero que estão notando que digo yudo isto com certa doze de ironia. Mas há nisso que digo pelo menos essa verdade, que os puristas germanicos e eslavos tentam resuscitar um passado barbaro, enquanto que puristas latinos se esforçam por re- vigorar um passado civilizado. Alias, o neo-barbarismo das línguas latinas é claramente visivel na tentativa de traduzir a expressão franceza "Qu'est ce que c'est" para o latim, a saber: Quod est ecce quod ecce est". É claro que o barbarismo das línguas neo-latinas é sómente um aspecto superficial. O que realmente aconteceu é que a ontologia da língua latina desapareceu para dar lugar a outras, e são estas que precisam ser pesquisadas e desenterradas. O futuro formado pelo verbo haver, e isto de forma escondida e por assim dizer envergonhada. E o futuro mais novo formado pelo verbo ir, já praticamente oficializado. O uso da palavra "on" em frances, que tende a substituir a palavra "nous". A palavra "moi" no sentido de "eu". O espanhol "nosotros" e "vosotros". A diferença entre "ser", "estar" e "ficar" em portuguez, e o uso da palavra "há" no sentido de "há muita gente" e "há cinco anos". Estes e muitos outros exemplos demonstram a força tremenda das línguas latinas e de que se trata de organismos vivos, prontos a irromper a qualquer momento no concerto da conversação que representa a vida espiritual da humanidade. Considerarei as línguas indogermanicas sómente do ponto de vista ontologico, e não falei de seus aspectos eticos e esteticos, para não confundir o tema. Re- ceio que se trata de problemas radicalmente novos e me limito portanto em to- das as direções, isto em me limito quanto ao tema, quanto a profundidade e quan- to ao tema. Quero dar ampla oportunidade á discussão, mas peço-lhes de não esquecer que ainda não comecei a desenvolver minha teoria nascente. O que dei até agora é uma olhada superficial sobre a situação atual das línguas da hu- manidade vistas de fora. É sobre este aspecto que gostaria que nos limitasse- mos ao discutir o assunto.